

● A HISTÓRIA DE
Israel

NO ANTIGO TESTAMENTO

SAMUEL J. SCHULTZ

2.^a EDIÇÃO REVISADA

SUMÁRIO



PREFÁCIO.....	13
INTRODUÇÃO: O ANTIGO TESTAMENTO.....	15
Origem e conteúdo.....	15
Transmissão do texto hebraico.....	16
Versões.....	17
Significado.....	19
1. PERÍODO DOS COMEÇOS.....	25
Narrativa da criação.....	27
A queda do homem e suas consequências.....	28
Dilúvio: o juízo de Deus contra o homem.....	30
O novo começo do homem.....	31
2. ERA PATRIARCAL.....	34
O mundo patriarcal.....	34
<i>Mesopotâmia</i>	35
<i>Egito</i>	38
<i>Canaã</i>	41
Geografia.....	42
Narrativa bíblica.....	45
<i>Abraão</i>	47
<i>Isaque e Jacó</i>	50
<i>José</i>	54
3. EMANCIPAÇÃO DE ISRAEL.....	61
Eventos contemporâneos.....	62
<i>Novo Reino</i>	62
Religião do Egito.....	64
Data do Êxodo.....	65

Narrativa bíblica	68
<i>Opressão movida por Faraó</i>	68
<i>Preparação de um líder</i>	68
<i>Contenda com Faraó</i>	69
<i>Páscoa</i>	71
<i>Na rota do monte Sinai</i>	72
4. RELIGIÃO DE ISRAEL	75
Pacto	76
<i>Decálogo</i>	76
Preceitos para uma vida santa	78
Santuário	78
Sacerdócio	81
Oferendas	84
<i>Holocaustos</i>	85
<i>Ofertas pacíficas</i>	85
<i>Ofertas pelo pecado</i>	86
<i>Ofertas pela transgressão</i>	86
<i>Ofertas de manjares</i>	87
Festas e estações determinadas	88
<i>Sábado</i>	88
<i>Lua nova e Festa das Trombetas</i>	88
<i>Ano sabático</i>	88
<i>Ano de jubileu</i>	89
<i>Festas anuais</i>	90
<i>a. Páscoa e Festa dos Pães Asmos</i>	90
<i>b. Festas das Semanas</i>	91
<i>c. Festa dos Tabernáculos</i>	92
<i>d. Dia da Expição</i>	92
5. PREPARAÇÃO PARA A NACIONALIDADE	96
Organização de Israel	96
Peregrinações pelo deserto	100
Instruções para a entrada em Canaã	104
Retrospecto e antecipação	107
6. OCUPAÇÃO DE CANAÃ	112
Memórias de Canaã	112
Era de conquistas	116
<i>Entrada em Canaã</i>	117
<i>Conquista</i>	118
<i>Divisão de Canaã</i>	125
Governo dos juizes	127
<i>Juízes e nações opressoras</i>	132
<i>Condições religiosas, políticas e sociais</i>	139

7. TEMPOS DE TRANSIÇÃO.....	142
Nações vizinhas	142
Sob a liderança de Eli e Samuel	146
Primeiro rei de Israel.....	150
8. UNIÃO DE ISRAEL SOB A LIDERANÇA DE DAVI E SALOMÃO	156
União e expansão davídicas	156
<i>Rei de Judá</i>	157
<i>Jerusalém: capital da nação</i>	160
<i>Prosperidade e supremacia</i>	162
<i>Pecado na família real</i>	165
<i>Retrospecto e expectativa</i>	168
Era áurea de Salomão.....	172
<i>Estabelecimento do trono</i>	173
<i>Organização do reino</i>	175
<i>Construção do templo</i>	175
<i>Dedicação do templo</i>	179
<i>Extenso projeto de construções</i>	180
<i>Negócios, comércio e rendimentos</i>	181
<i>A apostasia e suas consequências</i>	183
9. REINO DIVIDIDO.....	187
Cronologia.....	188
Datas importantes	190
Narrativa bíblica	191
Eventos simultâneos.....	195
<i>Reino da Síria</i>	195
<i>Grande Império Assírio</i>	197
10. SECESSÃO NORTISTA	203
Família real de Jeroboão	203
Dinastia de Baasa.....	205
Governantes da casa de Onri	206
11. LEGALISTAS DO SUL.....	218
Reinado de Roboão	218
Abias continua a idolatria.....	220
Asa inicia a reforma	220
Josafá: o administrador piedoso	222
Jeorão volta-se à idolatria	225
Acázias promove o baalismo.....	226
12. REVOLUÇÃO, RECUPERAÇÃO E RUÍNA	228
Dinastia de Jeú.....	228
<i>Jeoacaz</i>	229

<i>Jeoás</i>	230
<i>Jeroboão II</i>	231
<i>Zacarias</i>	232
Últimos reis	232
<i>Salum</i>	232
<i>Menaém</i>	232
<i>Pecaías</i>	233
<i>Peca</i>	233
<i>Oseias</i>	234
13. JUDÁ SOBREVIVE AO IMPERIALISMO ASSÍRIO	236
Atalia: um reinado de terror	236
Joás: reforma e relapso	237
Amazias: vitória e derrota	238
Uzias ou Azarias: prosperidade	240
Jotão: política contrária à Assíria	243
Acaz: administração favorável à Assíria	244
Ezequias: um rei justo	246
Manassés: idolatria e reforma	251
Amom: apostasia	253
14. O DESFALECER DAS ESPERANÇAS DA DINASTIA DAVIDICA	256
Josias: era de otimismo	256
Supremacia babilônica	262
<i>Jeoquim</i>	262
<i>Zedequias</i>	264
15. JUDEUS ENTRE AS NAÇÕES	267
Babilônia	268
<i>Nabopolassar</i>	268
<i>Nabucodonosor</i>	271
<i>Evil-Merodaque</i>	275
<i>Neriglissar</i>	275
<i>Nabonido</i>	277
Pérsia	279
<i>Ciro o grande</i>	279
<i>Cambises</i>	283
<i>Dario I</i>	284
<i>Xerxes I</i>	286
<i>Artaxerxes I</i>	287
Condições do exílio e esperanças proféticas	288
16. A BOA MÃO DE DEUS	296
Jerusalém é restabelecida	296
<i>Retorno da Babilônia</i>	297

<i>Instalação em Jerusalém</i>	300
<i>Novo templo</i>	301
História de Ester	304
<i>Judeus na corte persa</i>	305
<i>Ameaça contra o povo judeu</i>	306
<i>Triunfo dos judeus</i>	307
Esdras: o reformador.....	308
<i>Retorno de Esdras</i>	309
<i>Reforma em Jerusalém</i>	310
Neemias: o governador	312
<i>Comissionado por Artaxerxes</i>	314
<i>A missão de Neemias em Jerusalém</i>	314
<i>Reforma sob a direção de Esdras</i>	317
<i>Programa e normas políticas de Neemias</i>	320
17. INTERPRETAÇÃO DA VIDA.....	324
Jó: o problema do sofrimento	324
Salmos: a hinologia de Israel.....	331
Provérbios: uma antologia de Israel.....	335
Eclesiastes: uma investigação da vida	339
Cantares de Salomão.....	342
18. ISAÍAS E SUA MENSAGEM	346
Com o profeta em Jerusalém	346
Escritos de Isaías.....	350
Análise do livro.....	351
19. JEREMIAS: HOMEM DE RESISTÊNCIA.....	374
Um ministério de quarenta anos	374
Livro de Jeremias	380
Lamentações.....	395
20. EZEQUIEL: ATALAIA DE ISRAEL	400
Um profeta entre os exilados	400
Livro de Ezequiel	404
21. DANIEL: ESTADISTA E PROFETA.....	424
No reinado de Nabucodonosor	426
Era de Nabonido-Belsazar.....	429
Nos tempos medo-persas	433
22. TEMPOS DE PROSPERIDADE.....	438
Jonas: um missionário em Nínive	440
Amós: boiadeiro e profeta	443
Oseias: um mensageiro do amor de Deus.....	448

23. ADVERTÊNCIAS A JUDÁ.....	456
Joel: o dia do Senhor	456
Miqueias: um reformador em tempos turbulentos.....	458
Sofonias: dia de ira e de bênção.....	464
24. NAÇÕES ESTRANGEIRAS NA PROFECIA	468
Obadias: orgulho de Edom	468
Naum: a sorte de Nínive	470
Habacuque: uso divino dos caldeus.....	472
25. PARA ALÉM DO EXÍLIO	476
Reconstrução de Jerusalém.....	476
Ageu: o promotor do programa de construção	478
Zacarias: Israel no palco do mundo.....	480
Malaquias: advertência profética final.....	486
ÍNDICE DE PASSAGENS BÍBLICAS	489
ÍNDICE DE NOMES E ASSUNTOS.....	494

GRÁFICOS

I. Civilizações nos tempos patriarcais	60
II. Calendário anual	95
III. Estabelecimento de Israel em Canaã.....	111
IV. Reis e profetas	186
V. Cronologia do exílio.....	295
VI. Cronologia de Isaías.....	373
VII. Cronologia de Jeremias.....	399
VIII. Cronologia de Ezequiel.....	423

MAPAS

O mundo patriarcal.....	36
A rota do Êxodo.....	70
A conquista de Canaã	122
A divisão das tribos.....	126
Era de transição	144
O império davídico	158
O reino dividido	202
O império assírio	249
Reinado de Josias.....	254
O império babilônico.....	270
O império persa.....	280
A Palestina pós-exílica.....	299

PREFÁCIO



A Bíblia está viva hoje. O mesmo Deus que falou e agiu no passado confronta os homens desta geração com a Palavra escrita, preservada no Antigo Testamento. O conhecimento que temos das culturas antigas, em que esse registro se originou, aumentou muito mediante as descobertas arqueológicas e a expansão dos limites da erudição bíblica. A preparação desta pesquisa, cujo alvo é familiarizar o estudante universitário e o leitor leigo com a literatura e a história do Antigo Testamento, foi motivada por mais de uma década de experiências em salas de aula. Neste volume, esforço-me por oferecer um esboço de todo o Antigo Testamento à luz de recentes descobertas.

Em meus primeiros estudos universitários, recebi do falecido dr. Rober H. Pfeiffer, na Universidade de Harvard, bem como dos drs. Allan A. MacRae e R. Laird Harris, no Faith Theological Seminary, conhecimento bem amplo da interpretação do Antigo Testamento. Devo a esses homens a compreensão crítica dos problemas básicos com que se defronta o erudito do Antigo Testamento. Consciente do conflito existente no pensamento religioso contemporâneo acerca da autoridade das Escrituras, houve a preocupação de expor o ponto de vista bíblico sobre a revelação e a autoridade como base para uma devida compreensão do Antigo Testamento (veja a Introdução). Visto que esta análise se fundamenta na forma literária do Antigo Testamento, conforme nos tem sido transmitida, as questões de autoria são analisadas apenas ocasionalmente e os fatos pertinentes à crítica literária são mencionados só de passagem.

Oferecemos diagramas que ajudam o leitor a fazer uma integração cronológica dos eventos do Antigo Testamento. As datas relativas aos períodos mais antigos continuam sujeitas a uma reavaliação. Qualquer data antes da época de Davi deve ser considerada como uma aproximação. Quanto ao reino davídico, segui

o esquema cronológico de Edwin H. Thiele. Posto que os nomes dos reis de Judá e de Israel constituem um problema para o leitor médio, apresentei as variantes usadas nesse livro, nas páginas 192-194.

O objetivo dos mapas é ajudar o leitor a compreender melhor os fatores geográficos, no que afetarem a história da época. As fronteiras frequentemente mudavam. As cidades eram destruídas e reconstruídas de acordo com a sorte dos reinos que ascendiam e caíam.

É com prazer que reconheço minha dívida de gratidão ao dr. Gwight Wayne Young, da Universidade de Brandeis, por ter lido este manuscrito em sua inteireza e por haver oferecido críticas construtivas do princípio ao fim. Também desejo expressar minha apreciação ao dr. Burton Goddard e a William Lane da Faculdade Teológica Gordon, bem como ao dr. John Graybill, da Faculdade Bíblica Barrington, que leram as primeiras versões. Devo agradecimentos especiais a meu amigo, George F. Bennett, cujo interesse e conselhos foram uma fonte contínua de encorajamento.

Desejo exprimir agradecimentos à administração do Wheaton College por ter permitido que eu me ausentasse a fim de completar o manuscrito, à Associação de alunos do Wheaton College pela subvenção para a pesquisa, e à Igreja Batista de South Shore, de Hingham, Massachusetts, por ter proporcionado os recursos necessários à pesquisa e à redação. Estou agradecido pelo interesse e encorajamento demonstrados por meus colegas do Departamento de Bíblia e Filosofia do Wheaton College, sobretudo ao dr. Kenneth S. Kantzer, que assumiu as responsabilidades de direção durante minha ausência.

A Elaine Noon estou grato pelo extremo cuidado com que datilografou o manuscrito inteiro. Igualmente pela ajuda prestada pelos bibliotecários das bibliotecas Andover-Harvard e Zion Research. Reconheço a dívida para com Carl Lindgren, da Scripture Press, pelos mapas que há neste volume.

Acima de tudo, este projeto não se teria concretizado sem a cooperação voluntária de minha família. Minha esposa, Eyla June, leu e releu cada palavra, tendo oferecido críticas valiosas, ao passo que Linda e David aceitaram bondosamente as mudanças que este empreendimento impôs à vida de nossa família.



O ANTIGO TESTAMENTO

O interesse pelo Antigo Testamento é universal. Milhões de pessoas examinam suas páginas para descobrir os primórdios do judaísmo, do cristianismo ou do islamismo. Inúmeros outros são atraídos por sua excelência literária. Eruditos estudam diligentemente o Antigo Testamento quanto à contribuição arqueológica, histórica, geográfica e linguística que ele faz em direção de uma compreensão melhor da cultura do Oriente Próximo anterior à era cristã.

O lugar ocupado pelo Antigo Testamento na literatura mundial é singular. Nenhum livro — antigo ou moderno — tem exercido tão grande atração por todo o mundo, sido transmitido com tão extremo cuidado, e recebido distribuição tão grande. Aclamado por estadistas e empregados, por eruditos e iletrados, por ricos e pobres, o Antigo Testamento chega até nós como um livro vivo; um livro que fala com vivacidade a cada geração.

ORIGEM E CONTEÚDO

Do ponto de vista literário, os trinta e nove livros, aceitos pelos protestantes, que constituem o Antigo Testamento podem ser divididos em três grupos. Os primeiros dezessete — de Gênesis a Ester — apresentam a narrativa do desenvolvimento histórico de Israel até o final do século v a.C. Outras nações só participam do quadro se apresentarem algum vínculo com a história de Israel. A narrativa histórica se interrompe bem antes dos dias de Cristo, de tal modo que há um intervalo de quatro séculos entre o Antigo e o Novo Testamentos. A literatura apócrifa, adotada pela Igreja Católica, se desenvolveu durante esse período, mas jamais foi reconhecida pelos judeus como parte de seus livros sagrados, ou seja, como “cânon”.

Cinco livros — Jó, Salmos, Provérbios, Eclesiastes e Cantares de Salomão — são classificados como literatura de sabedoria e poesia. Sendo bastante genéricos em

sua natureza, não estão intimamente relacionados a quaisquer incidentes particulares da história de Israel. Quando muito, somente poucos salmos podem ser associados a eventos nos livros históricos.

Os dezessete livros restantes registram as mensagens dos profetas, os quais surgiram de tempos em tempos para declarar a Palavra de Deus. O pano de fundo geral e os detalhes específicos que, com frequência, aparecem nos livros históricos servem de chave para a interpretação correta dessas mensagens proféticas. Por outro lado, as afirmações dos profetas contribuem para a compreensão da história de Israel.

A disposição dos livros do Antigo Testamento tem dependido do desenvolvimento histórico. Na moderna Bíblia hebraica, os cinco livros da Lei são seguidos por oito livros intitulados “os Profetas” — Josué, Juízes, 1 e 2 Samuel, 1 e 2 Reis, Isaías, Jeremias, Ezequiel e os Doze (os profetas Menores). Os onze últimos livros são chamados de “Escritos” ou Hagiógrafos — Salmos, Jó, Provérbios, Rute, Cantares de Salomão, Eclesiastes, Lamentações, Ester, Daniel, Esdras—Neemias e 1 e 2 Crônicas. A sequência dos livros variou por diversos séculos após o Antigo Testamento ter-se completado. O emprego do códice, isto é, da disposição dos livros, introduzido durante o segundo século da era cristã, exigiu uma ordem definida de arranjo. Enquanto foram conservados em rolos separados, a ordem dos livros não se revestia de importância primária. Mas, à medida que o códice substituiu os rolos, sequências padronizadas gradualmente se tornaram usuais, tais como as que encontramos em nossas Bíblias em hebraico e em inglês.

De acordo com evidências internas, o Antigo Testamento foi escrito durante um período de aproximadamente mil anos (c. 1400 a 400 a.C.), por pelo menos trinta autores diferentes. A autoria de certo número de livros é desconhecida. O idioma original da maior parte do Antigo Testamento é o hebraico, um ramo da grande família de línguas semitas, que incluem o fenício, o assírio, o babilônico, o árabe e outros idiomas. Até os tempos de exílio o hebraico continuava sendo a língua falada na Palestina. Com o passar do tempo, o aramaico se tornou a língua franca do Crescente Fértil, por isso porções de Esdras (4.8—6.18; 7.12-26), de Jeremias (10.11) e de Daniel (2.4—7.28) foram escritas nesse idioma.

TRANSMISSÃO DO TEXTO HEBRAICO

O pergaminho, preparado com peles de animais, foi o material usado com mais frequência na escrita do Antigo Testamento hebraico. Devido à sua durabilidade, os judeus continuaram a usá-lo ao longo dos períodos grego e romano, embora o papiro fosse mais abundante e mais aceitável comercialmente como material padrão para a

escrita. Um rolo médio de pergaminho media cerca de nove metros de comprimento e aproximadamente vinte e cinco centímetros de largura. Uma peculiaridade dos textos antigos é que, no estado original, só as consoantes eram grafadas, e a escrita aparecia em uma linha contínua, com pouquíssima separação entre as palavras. No início da era cristã, os escribas judeus mostravam-se profundamente cômicos da necessidade de transmitir com exatidão o texto hebraico. Em séculos subsequentes, os especialistas, entregues a essa tarefa, vieram a ser conhecidos como massoretas. Copiavam os textos com grande cuidado, chegando ocasionalmente a numerar versículos, palavras e letras de cada livro.¹ A maior contribuição deles foi a inserção dos símbolos vocálicos no texto, como auxílio para a leitura.

Até 1488, quando a primeira Bíblia em hebraico foi impressa, em Soncino, Itália, cada cópia era escrita à mão. Embora tivessem surgido cópias particulares, tanto em pergaminho como em forma de livro (códice), os textos usados nas sinagogas usualmente se restringiam a textos de pergaminho, sendo copiados com extremo cuidado.

Até o descobrimento dos Papiros do mar Morto, os mais antigos manuscritos hebraicos que existem são datados em cerca de 900 d.C. Nos rolos da comunidade de Qumran, que foi dispersa pouco antes da destruição de Jerusalém, em 70 d.C., podem ser encontrados cada livro do Antigo Testamento, com exceção de Ester. As evidências extraídas dessas descobertas recentes têm confirmado o ponto de vista de que o texto hebraico preservado pelos massoretas foi transmitido sem alterações sérias desde o primeiro século a.C.

VERSÕES²

A Septuaginta (LXX), tradução do Antigo Testamento para o grego, começou a circular no Egito nos dias de Ptolomeu Filadelfo (285-246 a.C.). Entre os judeus de fala grega houve uma procura de cópias do Antigo Testamento, para uso pessoal e nas sinagogas, traduzidas para a língua franca da área do Mediterrâneo Oriental. É bem provável que uma cópia tenha sido depositada na famosa biblioteca de Alexandria.

Essa versão não só era usada pelos judeus de fala grega, como também foi adotada pela igreja cristã. Com toda a probabilidade, Paulo e outros apóstolos

¹ Visto que a divisão em versículos apareceu no texto hebraico no século x d.C., a divisão em versículos, no Antigo Testamento, aparentemente foi feita pelos massoretas. A nossa divisão em capítulos começou com o bispo Stephen Langton, no século XIII (falecido em 1228).

² Quanto à narração de como as Escrituras chegaram até nós, veja Sir Frederick Kenyon. *Our Bible and Ancient Manuscripts*, revisado por A. W. Adams. Nova York, Harper & Brothers, 1958.

usaram o Antigo Testamento em grego quando insistiram na reivindicação de que Jesus era o Messias (At 17.2-4). Nessa época, o Novo Testamento foi escrito em grego, tornando-se parte das Escrituras aceita pelos cristãos. Alegando que a tradução grega do Antigo Testamento era inexata e estava afetada pelas crenças cristãs, os judeus aderiram tenazmente ao texto no seu idioma original. Esse texto hebraico, conforme já observamos, foi criteriosamente transmitido pelos escribas e massoretas judeus em séculos subsequentes.

Em virtude desses acontecimentos, a igreja cristã tornou-se a guardiã da versão grega. À parte de eruditos famosos, como Orígenes e Jerônimo, poucos cristãos davam qualquer valor ao Antigo Testamento em seu idioma original, até ao tempo da Renascença. Várias traduções para o grego, entretanto, foram postas em circulação entre os cristãos.

Durante o segundo século, entrou em uso o formato de códice — nossa moderna forma de livro, com páginas arranjadas para a encadernação. O papiro era o principal material de escrita em todo o mundo mediterrâneo. Substituindo os rolos de pergaminho, que tinham sido o meio de transmissão do texto hebraico, os códices em papiro tornaram-se o padrão para as cópias das Escrituras em grego. Até o quarto século o papiro foi substituído pelo pergaminho. As mais antigas cópias da Septuaginta atualmente existentes retrocedem até a primeira metade do século IV d.C. Recentemente, alguns papiros, sobretudo da coleção Chester Beatty, proveram-nos porções da Septuaginta que são anteriores aos códices em pergaminho mencionados acima.

Quando o latim tomou o lugar do grego como língua comum e oficial do mundo mediterrâneo, surgiu a necessidade de outra tradução. Embora uma antiga versão latina da Septuaginta tenha circulado antes na África, foi através dos esforços eruditos de Jerônimo que apareceu uma tradução latina do Antigo Testamento hebraico, já perto do fim do século IV d.C. Durante o milênio seguinte, essa versão, mais conhecida pelo nome de Vulgata, foi a edição mais popular do Antigo Testamento. Até hoje a Vulgata, com a adição dos livros apócrifos, que haviam sido rejeitados por Jerônimo, continua sendo a tradução oficial da Igreja Católica Romana.

A Renascença exerceu influência decisiva sobre a transmissão e circulação das Escrituras. O reavivamento da erudição não apenas estimulou a multiplicação de cópias da Vulgata, como também despertou um novo interesse pelo estudo dos idiomas originais da Bíblia. Um novo ímpeto ocorreu devido à queda de Constantinopla, o que forçou a fuga de numerosos eruditos gregos para a Europa Ocidental. Aliado a esse renovado interesse pelo grego e pelo hebraico, houve o desejo profundo de colocar a Bíblia à disposição dos leigos. Como resultado disso,

surgiram traduções em línguas vernáculas. Antedatando a obra monumental de Martinho Lutero, a Bíblia em alemão que apareceu em 1522, houve versões em alemão, francês, italiano e inglês. De importância capital na Inglaterra, houve a tradução de Wycliffe, já perto do fim do século XIV. Confinada a bíblias manuscritas, a disponibilidade dessa antiga versão inglesa era bem limitada. Com a invenção da imprensa no século seguinte, raiou uma nova era para a circulação das Escrituras.

William Tyndale é reconhecido como o verdadeiro pai da Bíblia inglesa. Por volta de 1525, ano de nascimento da Bíblia impressa em inglês, sua tradução começou a aparecer. Diferentemente de Wycliffe, que traduziu a Bíblia do latim, Tyndale voltou-se para os idiomas originais em sua versão das Escrituras. Em 1536, quando sua tarefa ainda não estava terminada, Tyndale foi condenado à morte. Em seus últimos momentos, cercado pelas chamas, proferiu sua última oração: “Senhor, abre os olhos do rei da Inglaterra”.

A súbita precipitação dos acontecimentos logo foi uma defesa de Tyndale e de sua obra. Em 1537 foi publicada a Bíblia de Matthew, que incorporava a tradução de Tyndale, suplementada pela versão de Coverdale (1535). Sob as ordens de Cromwell foi distribuída a Grande Bíblia (1541) em cada templo da Inglaterra. Embora essa Bíblia se destinasse primariamente ao uso nas igrejas, algumas cópias foram postas à disposição de indivíduos para estudo pessoal. Tal como sua congênera, a Bíblia de Genebra entrou em circulação em 1560, para tornar-se a Bíblia do lar. Por meio século, foi a Bíblia inglesa mais popular para leituras privadas. Em 1568, a Grande Bíblia foi revisada, tendo sido impressa como a Bíblia do Bispo, para ser usada oficialmente nas igrejas inglesas.

A Versão Autorizada da Bíblia inglesa foi publicada no ano de 1611. Acumulando o trabalho de eruditos do grego e do hebraico, que visavam produzir a melhor tradução possível das Escrituras, essa “Versão do Rei Tiago” (King James Version) obteve lugar incontestável no mundo de fala inglesa, em meados do século XVII. Revisões dignas de nota apareceram desde então, como a English Revised Version, 1881—1885; a American Standard Version, 1901; a Revised Standard Version, 1952; e a Berkeley Version in Modern English, 1959.³

SIGNIFICADO

O Antigo Testamento chega até nós simplesmente como uma narrativa de história ou cultura seculares? Reveste-se de valor meramente como a literatura nacional dos judeus? O próprio Antigo Testamento se propõe a ser mais do que o registro

³ The Berkeley Version in Modern English. Grand Rapids/Zondervan, 1959.

histórico da nação judaica. Para judeus e cristãos igualmente, trata-se da história sagrada que desvenda a revelação que Deus faz de si mesmo ao homem. Ali se conta não só o que Deus realizou no passado, mas também o plano divino para o futuro da humanidade.

Através das bênçãos e infortúnios de Israel, Deus, o criador do universo e do homem, determinou o curso a ser tomado pelo seu povo escolhido no cenário internacional das culturas antigas. Deus não é apenas o Deus de Israel, mas também o governante supremo que controla as atividades de todas as nações. Em consequência, o Antigo Testamento de fato registra eventos naturais, mas as atividades sobrenaturais de Deus permanecem circunscritas nessa história. Essa característica distintiva do Antigo Testamento — o desvendamento de Deus nos eventos históricos e nas mensagens — o eleva acima do nível da literatura e história seculares. O Antigo Testamento só pode ser entendido em seu sentido mais amplo como história sagrada. Para que se tenha uma compreensão total de seu conteúdo, é necessário reconhecer que os fatores naturais e os sobrenaturais são essenciais em toda a Bíblia.

Singular como história sagrada, o Antigo Testamento reivindica para si o reconhecimento de ser as Sagradas Escrituras. Assim consideravam-no os judeus, a quem esses escritos foram confiados, bem como os cristãos (Rm 3.2). Tendo chegado a nós mediante a atuação natural de autores humanos, o produto escrito final recebeu o selo divino da aprovação. Por certo, o Espírito de Deus se utilizou da atenção, da investigação, da memória, da imaginação, da lógica — de todas as faculdades dos escritores do Antigo Testamento. Em contraste com os meios mecânicos, a orientação de Deus se manifestou através do livre exercício das capacidades históricas, literárias e teológicas de cada autor. O registro escrito, aceito por judeus e cristãos, constituiu um produto inerrante divino-humano em sua escrita original. Como tal, continha a verdade para a raça humana inteira.

Essa foi a atitude de Jesus Cristo e dos apóstolos. Jesus, o Deus-homem, aceitava a autoridade de toda a coletânea literária conhecida como Antigo Testamento, tendo usado livremente essas Escrituras como base de apelo em seu ensino (cf. Jo 10.34; Mt 22.29,43-45; Lc 16.17; 24.35). Do mesmo modo os apóstolos agiram em relação ao Antigo Testamento no período inicial da Igreja Cristã (2Tm 3.16; 2Pe 1.20-21). Registrado em forma escrita pelo homem, sob orientação divina, o Antigo Testamento foi aceito como inteiramente fidedigno.

Em nossos dias, é igualmente essencial concordar que o Antigo Testamento seja reconhecido como autoridade final, tal como sucedia no período neotestamentário

com judeus e cristãos.⁴ Como registro razoavelmente fidedigno — levando-se em consideração erros de transmissão, que necessitam de consideração cuidadosa mediante o emprego científico de princípios corretos de crítica textual — o Antigo Testamento fala com autoridade usando a linguagem do leigo de dois ou três milênios atrás. O que ali é anunciado é declarado com verdade — seja empregando a linguagem figurada ou literal, seja abordando questões éticas ou o mundo natural da ciência. As palavras dos escritores bíblicos — devidamente interpretadas em seu contexto total e em seu sentido natural, de conformidade com o uso comum de sua época — ensinam a verdade sem mescla de erro. Assim, que o Antigo Testamento fale ao leitor.

Este volume oferece uma investigação do Antigo Testamento em sua inteireza. Visto que a arqueologia, a história e outros campos de estudo estão relacionados ao conteúdo do Antigo Testamento, que essas ciências possam ser meios para obtenção de uma compreensão melhor da mensagem da Bíblia. Mas somente à medida que o leitor permite que a Bíblia fale por si mesma é que este livro alcançará seu propósito.

LEITURA COMPLEMENTAR

BAILLIE, John. *The idea of Revelation in recent thought*. Nova Iorque, Columbia University Press, 1956.

BRIGHT, J. *The authority of the Old Testament*. Nashville, Abingdon Press, 1967.

GAUSSEM, L. Theopneustia. *The Plenary Inspiration of the Holy Scriptures* (tradução de David Scott, revisada por B. W. Car, com prefácio de C. H. Spurgeon). Londres, 1888.

GEISLER, N. L.; NIX, W. E. *A general introduction to the Bible*. Chicago, Moody Press, 1968.

GELDENHUYS, J. Norval. *Supreme authority*. Londres, Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1953.

GUILLEBAND, H. *Moral difficulties in the Bible*. Londres, Inter-Varsity Press, 1949.

HARRIS, R. Laird. *The inspiration and canonicity of the Bible*. Grand Rapids; Zondervan Publishing House, 1957.

HARRISON, R. K. *Introduction to the Old Testament*. Grand Rapids, Wm B. Eerdmans Publishing Co., 1969.

HENRY, Carl H. E. *Revelation and the Bible*. Filadélfia, Presbyterian and Reformed Publishing Co., 1958.

⁴ Veja a discussão da perspectiva bíblica da revelação, da inspiração e da autoridade, por eruditos que reconhecem que as Escrituras Sagradas são a Palavra de Deus aos homens, revelada através de seus profetas e apóstolos, em *The Bible — The Living Word of Revelation*, compilado por M. C. Tenney, Grand Rapids: Zondervan, 1968. Veja também artigos publicados no *Journal of the Evangelical Theological Society*.

- KENYON, Sir. Frederick. *Our Bible and the ancient manuscripts*. Nova Iorque, Harper & Brothers, 1958.
- KITCHEN, Kenneth A. *Ancient Orient and Old Testament*. Chicago, Inter-Varsity Press, 1966.
- LEVIE, Jean. *The Bible, word of God in words of Men*. Londres, Geoffrey Chapman, 1961.
- LIGHTNER, R. P. *Neo-evangelicalism*. Findlay, Ohio, Dunham Press, 1961.
- MASCALL, E. L. *Christian theology and natural science*. Nova Iorque, Ronald Press, 1956.
- . *Words and images*. Nova Iorque, Ronald Press, 1957.
- MCDONALD, H. D. *Ideas of Revelation, an historical study, A.D. 1700 to A.D. 1860*. Nova Iorque, St. Martin's Press, 1959.
- . *Theories of Revelation, an historical study, 1860-1960*. Londres, G. Allenand Unwin, 1963.
- PACKER, James I. *Fundamentalism and the Word of God*. Londres, Inter-Varsity Press, 1958.
- . *God speaks to man*. Filadélfia, Westminster Press, 1966.
- PREUS, Robert. *The inspiration of Scripture*. Edinburgo, Oliver & Boyd, 1955.
- RAMM, Bernard. *Pattern of authority*. Grand Rapids, Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1957 (Pathway Book).
- . *Special Revelation and the Word of God*. Grand Rapids, Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1962.
- REID, J. K. S. *The authority of Scripture*. Nova Iorque, Harper & Brothers, s.d.
- RUNIA, Klaas. *Karl Barth's doctrine of the Holy Scriptures*. Grand Rapids, Wm. B. Eerdmans Publishing CO., 1962.
- SCHULTZ, Samuel J. *The prophets speak*. Nova Iorque, Harper & Row, 1968.
- STONEHOUSE, N. B. e Woolley, Paul (EE.) *The infallible Word*. Filadélfia, Presbyterian Guardian Publishing Corporation, 1946.
- TASKER, R. V. G. *Our Lord's use of the Old Testament*. Londres, Westminster Chapel, 1953.
- TENNEY, Merrill C. (Ed.) *The Bible — The Living Word of Revelation*. Grand Rapids, Zondervan Publishing House, 1968.
- VOS, Howard F. (Ed.). *Can I trust my Bible?* Chicago, Moody Press, 1968.
- WALVOORD, John W. (Ed.). *Inspiration and interpretation*. Grand Rapids, Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1957.
- WARFIELD, B. B. *The inspiration and authority of the Bible*. Nova Iorque, Oxford University Press, 1927.
- YOUNG, E. J. *Thy Word is truth*. Grand Rapids, Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1957.

UMA DAS MAIS CONHECIDAS INTRODUÇÕES à história e à literatura do Antigo Testamento, esta obra oferece uma clara apresentação dos aspectos arqueológicos, históricos, geográficos e linguísticos acerca da aliança celebrada entre Deus e o povo de Israel, desde a época de Abraão até a vinda do Messias. O autor analisa a história e a vida religiosa do povo hebreu, e integra o desenvolvimento paralelo de outras culturas da época à história bíblica convencional, sempre enfatizando a importância de deixar que a Escritura conte sua própria história. Ele busca os fatos e os segue até suas inevitáveis conclusões. No entanto, quando as evidências não são conclusivas, é cauteloso e apresenta sua interpretação como apenas uma das possíveis visões sobre a questão. Com isso, proporciona ao leitor uma visão equilibrada do assunto. Também destaca o impacto das descobertas históricas e arqueológicas para a devida compreensão de passagens fundamentais do Antigo Testamento. Assim, coloca ao alcance do leitor material relevante e imprescindível para o estudo do Antigo Testamento.



VIDA NOVA
www.vidanova.com.br

ISBN 978-85-275-0154-5



9 788527 501545